

RELATO DE EXPERIÊNCIA: BALONISMO NO INTERIOR DO ESTADO DO PARANÁ

Camila da Luz Eltchechem², Isabela Sochodolak Frankiu¹, Joice Casagrande Piovezani², Juliano de Macedo², Cláudio Shigueki Suzuki³

1 – Mestranda no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário – Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, Paraná, Brasil.

2 – Doutorando(a) no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário – Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, Paraná, Brasil.

3 – Doutor. Docente no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário – Universidade Estadual do Centro Oeste, Irati, Paraná, Brasil.

RESUMO ESTRUTURADO:

As práticas de aventura na natureza têm ganhado, paulatinamente, mais espaço e adeptos no Brasil e, sobretudo, no Estado do Paraná. Dentre elas, o balonismo, que é uma atividade consolidada em muitos países, vem se fortalecendo internamente, estabelecendo-se como uma alternativa que se relaciona com o lazer e a aventura, além de servir como excelente mecanismo de publicidade. Considerado este contexto, este relato busca expor percepções oriundas da experiência de um balonista profissional acerca da atividade em si, bem como das consequências de sua execução, correlacionadas ao impacto socioeconômico e à sustentabilidade ambiental. Para coleta das informações foi aplicada uma entrevista semiestruturada, in loco, com o profissional participante. Seu relato traz aspectos relacionados ao desenvolvimento profissional, sobretudo em função da realização do trabalho como balonista, à atuação local, às vantagens e desvantagens de atuar com uma atividade tão exclusiva em um local no qual o turismo está em expansão, e às perspectivas da continuidade de seu trabalho. Por meio do estudo é possível afirmar que a prática é um diferencial na região, possui demanda significativa, está consolidada e contribui para o desenvolvimento individual e da localidade.

Palavras-chave: Turismo; Aventura; Balonismo; Práticas de aventura na natureza; Trabalho.

INTRODUÇÃO

A atividade turística, segundo Fernandez e Almeida (2018), é uma alternativa formidável de lazer que possibilita, dentre tantos objetivos, combater o estresse cotidiano e de trabalho, gerar satisfação pessoal e proporcionar descanso e descontração. Ela constitui-se em um ramo que se amplia, gradativamente, tanto em âmbito nacional quanto em regional, sendo o Estado do Paraná, cujo território é abundante em espaços naturais, um cenário de destaque, sobretudo, para o turismo na natureza e, de forma ascendente, para o turismo de aventura na natureza (Massini et al., 2021; Paraná Turismo, 2022; Brasil, 2023; Paraná, 2024). Consoante ao Ministério do Turismo, o turismo de aventura define-se como um

segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional ao ar livre, envolvendo emoções e riscos controlados e exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural. Compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo (Brasil, 2008).

Esta modalidade, também conhecida como *prática corporal de aventura na natureza* (PCANs) (Schwartz, 2006; Brasil, 2018), pode ser definida como uma atividade que envolve riscos controlados e visa o estabelecimento de uma relação de troca com a natureza, relacionada com “a experimentação, o uso e apropriação, a reflexão sobre a ação, construção de valores e o protagonismo comunitário” (Brasil, 2018).

De maneira genérica, as práticas de aventura podem ser classificadas com base em várias dimensões, dentre as quais a mais comum é a física (ou físico-ambiental), que engloba os elementos terra, água e ar (Betrán, 2003; Franco, 2008). Assim, práticas como *trekking*, *hiking* (ou caminhada), escalada, montanhismo, *caving* (ou espeleologia), *rafting*, mergulho, *surf*, paraquedismo, tirolesa, *bungee jump*, balonismo e voo livre sobressaem-se como algumas das principais atividades que podem ser conciliadas com o turismo de aventura (Brasil, 2010; Delvizio; Gonçalves, 2015; Franco et al., 2017).

No Brasil, a prática do balonismo é regulamentada pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), a qual exige o registro do equipamento e a licença de Piloto de Balão Livre (PBL) válida, para o operador. Para efeitos de voos panorâmicos de cunho turístico o piloto deve ter o registro na modalidade de táxi-aéreo (Brasil, 2021). Geralmente, o balonismo é executado de forma amadora ou profissional, com finalidade de lazer, prática esportiva ou mecanismo de publicidade, convertendo-se, assim, em uma excelente ferramenta de marketing e propaganda, e em um elemento capaz de influenciar comportamentos e atrair novos adeptos (Silvestre, 2017).

A realização de atividades de aventura em espaços naturais, tais como o balonismo, também otimiza o aproveitamento dos recursos locais e a diversificação da oferta, contemplando diferentes motivações da demanda. Neste sentido, é comum, inclusive, que as atividades originalmente oferecidas em propriedades rurais sejam complementadas, ou mesmo substituídas, parcial ou integralmente, por novas atividades, muitas das quais atreladas ao turismo, dentro de um processo de diversificação ou de pluriatividade (Schneider, 2004; Scótollo; Netto, 2015; Alberton et al., 2021).

Dessa forma, as atividades relacionadas com o turismo de aventura na natureza figuram como um importante elemento no processo de desenvolvimento socioeconômico, à medida que evitam o esvaziamento das zonas rurais e o movimento pendular, permitem o associativismo de maneira inovadora (Cardozo et al., 2017; Nigro; Denkwicz, 2017), e promovem o surgimento de novos empreendimentos, a geração de trabalho, emprego e renda no âmbito local (Porto et al., 2014; Brasil, 2018; Maganhotto et al., 2019; Mikuska; Maganhotto, 2019; Santos et al., 2022). Elegem-se, ainda, como mecanismos profícuos em favor do desenvolvimento regional sustentável, à medida que

induzem a valorização, conservação e preservação dos recursos naturais disponíveis, possibilitando ganhos para a sociedade, o meio ambiente e a cultura (Ruschmann, 1997; Cardozo et al., 2017).

Este estudo procura trazer relatos obtidos por meio de uma entrevista junto a um balonista atuante em uma cidade do interior do Estado do Paraná, entremeando-se nos aspectos subjacentes ao turismo de aventura anteriormente citados, de modo a estabelecer correlações e apontamentos, e trazer algumas considerações e *insights* julgados relevantes.

PROBLEMÁTICA E RELEVÂNCIA

Este estudo busca relatar a experiência de um balonista atuante em cidade no interior do Paraná, situada na Mesorregião Sudeste, caracterizada pela existência de baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), baixo dinamismo econômico na geração de emprego e renda, não industrializado significativamente e que tem como principal atividade econômica a exploração agropecuária em médias e pequenas propriedades e, substancialmente, associadas à agricultura familiar (Knorek et al., 2020).

O Município em questão vem se adaptando, dentro das possibilidades locais, paulatinamente, às demandas dos turistas e, com isso, ampliando sua representatividade no cenário turístico do Estado. Neste contexto, embora os voos de balão sejam apreciados por sua beleza e pela sensação de aventura que causa, há aspectos importantes a serem consideradas, tanto no tocante à atividade em si, como o processo de contratação, organização e segurança, quanto no tocante às consequências de sua realização, correlacionadas a sustentabilidade ambiental e aos impactos socioeconômicos nas comunidades locais.

Conhecer e compreender esses aspectos, portanto, é fundamental para promover práticas responsáveis, garantir uma experiência positiva para todos os envolvidos e contribuir com o desenvolvimento sustentável local.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, originada a partir do interesse pela atividade de balonismo, pela forma de atuação profissional com a qual se opera e em razão das possibilidades locais que a atividade pode prospectar. Logo, em relação aos procedimentos ele adquire contornos de um estudo de caso, que consiste “no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento” (Gil, 2010, p. 37), sendo adaptado ao formato estrutural de relato de experiência.

A equipe executora foi composta por quatro membros do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC), da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), sendo três doutorandos e o docente ministrante da disciplina *Práticas de Aventura, Meio Ambiente e Desenvolvimento Comunitário* e coordenador geral da pesquisa.

O projeto foi iniciado com pesquisa bibliográfica sobre os temas: turismo; turismo na natureza; turismo de aventura; práticas corporais de aventura; balonismo; sustentabilidade; e desenvolvimento socioeconômico; com o objetivo de fundamentar a opção pelo tema. Em seguida, ocorreu a busca por local com a prática e agendamento da data para a entrevista; a elaboração e organização de um roteiro de entrevista (Apêndice A), o qual foi estruturada em três blocos requisitando, respectivamente, dados de perfil, dados relacionados a atividades profissionais e dados atrelados às percepções pessoais sobre o turismo e a prática de aventura; a compilação e análise das informações obtidas e; a execução da atividade de escrita científica do projeto.

A entrevista ocorreu no mês de março de 2023, no local de trabalho do balonista participante, no período da manhã, antes do início do seu turno de trabalho.

Por fim, as informações obtidas por meio entrevista foram analisadas mediante os fundamentos da história de vida tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão (Minayo, 1993).

RESULTADOS

A entrevista foi aplicada no dia 16 de março de 2024 na propriedade em que profissional balonista trabalha. Inicialmente, foi explicado a ela acerca da motivação da pesquisa e sobre a manutenção do sigilo de informações pessoais e do local de execução do estudo. A partir de seu consentimento, procedeu-se com a coleta que, após analisada, foi transcrita sob o formato de relato de experiência do participante.

Trata-se de um jovem de 22 anos, que apresentava um semblante tranquilo enquanto respondia às perguntas do entrevistador. Natural de uma pequena comunidade do interior, localizada a 70 km do centro do Município, o participante informou que trabalhava na lavoura e que estudou, inicialmente, em escola rural. Completou o Ensino Médio na cidade, onde passou a residir há cerca de 5 anos, período em se casou, convivendo atualmente com sua cônjuge.

Relativamente a sua atividade profissional, relatou que, incentivado por um amigo, começou como recepcionista de uma pousada, onde permaneceu por dois anos, trabalhando apenas durante os finais de semana, de forma contínua. O ambiente de trabalho e a relação com a equipe do estabelecimento eram bons, no entanto, segundo ele, o trabalho passou a ser “enjoativo”, fato que

somado à pequena remuneração recebida, o fez buscar outro emprego. Teve uma passagem rápida, de oito meses, por um supermercado da cidade e, oportunamente, seu antigo chefe na pousada, em razão do vínculo anteriormente criado, fez a ele um convite para voltar a trabalhar com ele, mas em um empreendimento adjacente, relacionado com o turismo de aventura, na função de piloto de balão, pois o empreendimento iniciaria a oferta desta atividade e precisaria de um profissional.

Em seu retorno, firmaram um acordo quanto ao custeio do curso de piloto, que foi realizado no mesmo Estado. O proprietário foi responsável pelo pagamento do curso e o jovem passaria a arcar com o ressarcimento, de forma gradual, à medida que os voos fossem sendo realizados, pelo tempo necessário até a quitação da dívida. O valor do investimento não foi citado mas, subliminarmente, entendeu-se que foi consideravelmente grande.

Ao falar sobre a sua formação para pilotar balões, descreveu todo o processo de obtenção de uma licença junto a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), que inclui um período de voo supervisionado de 16 horas, um período de voo desacompanhado e um processo avaliativo de habilidades obtidas.

Em seguida, o balonista fez explicações acerca do empreendimento e das atividades de aventura ali oferecidas. O local é um parque, de exploração privada, fundado há aproximadamente seis anos, e com uma infraestrutura de recepção ainda pequena, contando com venda de alimentos e bebidas, banheiros, amplo estacionamento e acesso à internet gratuita, inclusive na trilha, por meio de cabeamento óptico e antena dispersora de sinal no cânion da cachoeira. Também há cinco funcionários, sendo dois (dentre estes, ele) responsáveis pela execução das atividades de aventura, uma recepcionista e dois responsáveis pela manutenção das trilhas e acessos.

As atividades na natureza lá executadas, de acordo com o jovem são: a caminhada (ou *hiking*) por trilha, o rapel e o balonismo, todas apoiadas em princípios de sustentabilidade e convivência em harmonia com a natureza. Ele detalhou cada uma delas.

A trilha inicia próxima a recepção, seguindo por cerca de 350 metros até a plataforma de descida do rapel e por mais 1200 metros até a base da maior cachoeira situada dentro do parque. O trajeto é plano, em declive e em aclive (mesmo na descida até a base, existem trechos em aclive), e possui em seus pontos mais difíceis, escadas feitas com pneus, corrimões de madeira e de corda, além de bancos de madeira em pontos estratégicos, oportunizando o descanso e vista para a paisagem. O parque possui, ainda, um quadriciclo, por meio do qual é facultado passeio e a exploração da natureza a pessoas com deficiência e idosos, sendo este um serviço exclusivo e um diferencial.

O rapel é realizado, mediante agendamento prévio, paralelamente a cachoeira e estende-se por 87 metros de altura, sendo o maior rapel de plataforma do Paraná e o segundo mais alto do

Brasil. Nesta prática, o jovem balonista auxilia com a função de “anjo”, isto é, a pessoa que fica no chão monitorando com a ponta da corda em mãos, podendo estabilizar a descida.

Já o balonismo, também realizado por intermédio de agendamento, é uma atividade executada dentro da propriedade, podendo ser com um balão acoplado a um cesto que leva, além do piloto, 2, 6, 8 ou mais pessoas. O participante informou que, atualmente, o parque possui apenas um balão com capacidade para duas pessoas que é pilotado por ele e que tem voado com constância regular. Para voos compartilhados entre um número maior de passageiros, é contratada uma empresa que fica a cerca de 180 km e realiza todo o trabalho. Esta é uma desvantagem relatada pelo profissional, ainda mais porque a procura por voos compartilhados por mais de dois passageiros tem crescido, e como nestes ele não pilota, não é remunerado pela sua profissão, apenas pela ajuda durante o processo de preparo do balão.

Em seguida, o rapaz contou que o voo propriamente dito requer uma condição climática específica, fresca e estável, sendo impraticável em caso de chuva, de muito vento ou de calor extremo. Também que ele é realizado, de preferência, ao amanhecer a ao entardecer, períodos em que as correntes de ar ainda não estão muito quentes. O balão é inflado com ar ambiente por meio de ventoinhas movidas a gasolina e, quando está cerca de 60% cheio, é ligado um maçarico, que aquece o ar interno, que se expande e fica menos denso do que o ar fora dele. Quando esse ar passar de 60° C, comparado com a temperatura externa, o balão já pode decolar. O sobrevoos atinge os 1000 metros de altura e dura em torno de 30 a 40 minutos. O pouso depende da direção do vento, sendo, por vezes, inevitável que ocorra em meio a plantações, matas ou dentro de outras propriedades.

Contou que a demanda pelo balonismo tem sido favorecida em função da divulgação do parque no *site* e em redes sociais, atraindo públicos de diversas regiões do Estado e de fora dele, mas não da população local ou regional, que raramente a procura. Também, que a comunidade tem contribuído com a divulgação mútua dos empreendimentos turísticos da região, em um processo de fortalecimento destes ramos de atividade.

Além disso, comentou que, para melhor atender os futuros visitantes, o parque passará por reformas que compreende a construção de uma nova e mais moderna recepção, melhorias nas vias de acesso e ampliação das formas de divulgação.

Externou, ainda, que, apesar de algumas desvantagens quanto à execução de seu trabalho, sua paixão pelo turismo e o desejo de melhorar continuamente prevalecem. Ademais, ele compartilhou planos futuros do parque no tocante à expansão das atividades, por meio da inclusão de mais balões e da construção de uma tirolesa.

Por fim, com o apoio da comunidade, o investimento interno em melhorias estruturais e o trabalho contínuo, o jovem balonista participante deste estudo projetou com otimismo um cenário de crescimento e desenvolvimento, tanto de caráter pessoal, atrelado à prática do balonismo, comode caráter empresarial, em que possa oferecer experiências memoráveis aos visitantes e contribuir para a expansão do turismo local.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E CONCLUSÕES

Por meio deste relato de experiência é possível identificar que, de forma prática, existem alguns *gaps* relacionados ao balonismo que precisam ser estudados e discutidos, com vistas a obter soluções plausíveis para todos, como a impossibilidade de pilotagem, por parte do balonista do parque, em voos compartilhados por mais de dois passageiros, a viabilidade e os altos custos de aquisição de mais balões e, os altos custos de voo que torna a prática inacessível para os moradores da região.

Por outro lado, o balonismo constitui-se em uma atividade vinculada ao ramo do turismo e à prática de aventura na natureza exclusiva na região, que vem obtendo, paulatinamente, mais demanda e, com isso, promovendo a geração de trabalho, renda e o crescimento e desenvolvimento de pessoas que atuam, direta e indiretamente, nesta área.

O participante do estudo e o parque visitado são ótimos exemplos de como este avanço se operacionaliza. Quanto ao rapaz, ficou nítida sua firme relação com o turismo, a natureza e a prática de aventura. Por meio da oportunidade que lhe foi concedida, ele conseguiu empregar-se sob uma função relacionada especificamente dentro de suas aspirações, que lhe garantem o sustento e, na qual tem evoluído pessoal e profissionalmente. O empreendimento, por sua vez, mediante sua inserção no ambiente comunitário e a realização de atividades com responsabilidade, tem empregado diversas pessoas, realizado investimentos que contribuem para a geração de mais trabalho, atraído turistas visitantes que aplicam seu dinheiro nos serviços e no comércio local, promovido a conexão com o ambiente natural e o senso de conservação e preservação da biodiversidade.

Assim sendo, espera-se que este relato, à medida que traz aportes significativos relacionados ao assunto, evidencie a emergência da prática do balonismo e forneça *insights* que encorajem a realização de outros estudos na área.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, V. et al. Sustentabilidade e turismo: renda, preservação e entretenimento em uma área de preservação. **Multitemas**, p. 73–98, 30 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20435/multi.v25i61.2052>.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (org.) **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. p. 157–202.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de Aventura: Orientações Básicas. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília. 2008.

_____. Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Balonismo. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/aerodesporto/balonismo>. Acesso em: 28 mar. 2024.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

_____. Ministério do Turismo. Demanda Turística. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/demanda-turistica>. Acesso: 16 abr. 2024.

CARDOZO, P. F.; FERNANDES, D. L.; HOLM, C. C. Análise da promoção turística de Prudentópolis (PR) por meio de vídeo em mídias sociais. **TURYDES: Revista sobre Turismo y Desarrollo local sostenible**, v. 10, n. 23, p. 15, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7911063>. Acesso em: 28 mar. 2024.

DELVIZIO, I. A.; GONÇALVES, S. de C. P. Terminologia do Turismo: inovação lexical e codificação lexicográfica no campo das atividades de aventura. *Revista GTLex*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 203-228, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex1-v1n1a2015-12>.

FERNANDES, P. dos S.; ALMEIDA, J. V. de. **Estudo sobre a relação entre o lazer e o trabalho do guia de turismo regional do estado do Rio Grande do Norte**. Licere, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, set. 2018.

FRANCO, L. C. P. **Atividades físicas de aventura na escola**: Uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) — Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “9 de Julho”, Rio Claro, 2008. Disponível em: <http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4011284.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ F. J.; DARIDO S. C.; DE OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. Maringá 2. ed: Eduem, 2017. P 137-149. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170986/001055495.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 mar. 2024.

KNOREK, R.; SCHÖNER, A.; JULIÃO, R. P. Território da mesorregião geográfica Sudeste Paranaense: o escopo e a espacialidade dos indicadores sociais e educacionais. **COLÓQUIO - Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 4, p. 225–244, 1 out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26767/1814>.

MAGANHOTTO, R. F. et al. Ecoturismo e ações de sustentabilidade como fatores de valorização da atividade ecoturística em Prudentópolis, PR. **InterEspaço**, v. 4, n. 15, p. 106–106, 2 jan. 2019. DOI: <https://doi.org/10.18764/2446-6549.v4n15p106-130>.

MASSINI, V. S.; VALE, C. C. do; FONSECA FILHO, R. E. Uma visão da gestão da oferta do Turismo de Natureza no Parque Nacional do Caparaó (ES/MG). **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, online, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18472/cvt.21n3.2021.1838>.

MIKUSKA, R.; MAGANHOTTO, R. F. Turismo rural em faxinais: uma alternativa não agrícola de desenvolvimento local e de fixação do homem no campo. **Multitemas**, v. 24, n. 56, p. 151, 6 jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.20435/multi.v24i56.2035>.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

NIGRO, G. T.; DENKEWICZ, P. Potencialidades turísticas de Prudentópolis, PR: Uma abordagem do turismo rural de base comunitária nas comunidades faxinais. **Anais...** III Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas, SECISA, do Campus de Campo Mourão da Universidade Estadual do Paraná, p. 746-761, 2017. Disponível em: http://anais.unespar.edu.br/iii_secisa/data/uploads/turismo/050t.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

PARANÁ TURISMO. Arquivos, Apostilas, Leis e Pesquisas. 2022. Disponível em: <https://www.paranaturismo.pr.gov.br/Pagina/Arquivos-Apostilas-Leis-e-Pesquisas>. Acesso em: 28 mar. 2024.

PARANÁ. Governo do Estado. Secretaria de Estado do Turismo. Turismo em números (2022 e 2023). Boletim de dados turísticos. Mar. 2024. Disponível em: https://www.turismo.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2024-03/boletim_de_dados_turisticos_01.2024_1.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da Aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. 1 ed. Jundiaí-SP: Fontoura, 2010.

PORTO, P. D. C.; CARDOSO, E. S.; SILVA, J. D. O Potencial do Ecoturismo e do Turismo de Aventura no Município de Santa Maria-RS e seu Entorno. **Revista Turismo em Análise**, v. 25, n. 2, p. 261, 31 ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v25i2p261-284>.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Turismo e Planejamento Sustentável**: A Proteção do Meio Ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, L. K. F., et al. Turismo rural em terras de faxinal: Estudo de Caso Barra Bonita, Prudentópolis, PR. **Anais...** Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, 16. ed. Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em: <https://www.sisapeventos.com.br/staff/app/files/submissions/40/2769-10758-53.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. In GRAMMONT, H. C. e MARTINEZ VALLE, L. (orgs.). **La pluriactividad en el campo latinoamericano**. Quito/Equador: Ed. Flacso – Série FORO, v. 1, pp. 132-61, 2009. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/43194477>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SCHWARTZ, G. M. **Aventuras na Natureza**: consolidando significados. Jundiaí/SP: Fontoura, 2006.

SCÓTOLO, D.; NETTO, A. P. Contribuições do turismo para o desenvolvimento local. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 9, n. 1, p. 36–59, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5313063>. Acesso em: 28 mar. 2024.

SILVA, P. P. C. da., FREITAS, C. M. S. M. de. **Emoções e riscos nas práticas na natureza**: uma revisão sistemática. Motriz, Rio Claro, v.16, n.1, p.221-230, jan./mar. 2010.

SILVESTRE, L. **RVB Balões**. Balonismo promocional como ação de marketing: vale a pena? 2017. Disponível em: <https://www.rvb.com.br/balonismo/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Bloco 01 – Perfil do respondente

- 1.1 – Identificação:
- 1.2 – Idade:
- 1.3 – Gênero:
- 1.4 – Grau de escolaridade/formação:
- 1.5 – Função/Cargo (Atividade que realiza):
- 1.6 – Detalhes pessoais: Onde nasceu? onde estudou? onde residia e por quanto tempo? onde reside hoje? Com quem reside? Casado? Tem filhos?
- 1.7 – Sua esposa trabalha fora? Pode dizer no que é e faz quanto tempo?
- 1.8 – Algum de vocês já trabalhou na lavoura? Quem? Por quanto tempo?
- 1.9 – Como se conheceram?

Bloco 02 – Atividades profissionais

- 2.1 – Que ramos de atividade já exerceu? Por quanto tempo? Por que saiu?
Induzida: Você diz que trabalhou no Salto Sete em duas épocas diferentes, certo? Você gostava de trabalhar no Salto na sua primeira passagem?
Induzida: Como era o ambiente de trabalho naquela época pra você? Você se dava bem com o pessoal? Gostava do que fazia? Tinha algum problema relacionado ao deslocamento para vir trabalhar? Vinha de veículo próprio?
Induzida: Houve algum motivo específico porque você saiu do Salto Sete na primeira vez para ir trabalhar no mercado? Se concordar, conte um pouco como ou porque saiu.
Induzida: O salário no mercado era maior que o da pousada na época?
Induzida: Vc gostava de trabalhar no mercado? Em que função era?
Induzida: O que você achava do ambiente de trabalho no mercado? Você se dava bem com o pessoal? Gostava do que fazia?
- 2.2 – Há quanto tempo está na atual função ou trabalho?
- 2.3 – Qual o motivo que o levou a exercer este trabalho?
- 2.4 – Quais suas principais tarefas?
- 2.5 – Como é a relação com os chefes e demais colegas de trabalho?
- 2.6 – O que você acha da sua remuneração?

Bloco 03 – Percepções sobre o Turismo

- 3.1 – Como é a infraestrutura do Salto Sete?
- 3.2 – Como a infraestrutura foi mudando com o passar dos anos?
- 3.3 – Que atividades são realizadas/ofertadas no local?
- 3.4 – Existem diretrizes escritas para orientação sobre o uso do local?
- 3.5 – Que tipo de visitantes o local tem recebido?
- 3.6 – Como é a acessibilidade no local (caminhos e PcD)?
- 3.7 – Que outros serviços existem nas redondezas? Alimentação? Pousada? Passeios guiados? Etc.
- 3.8 – Como é feita a divulgação do atrativo turístico?
- 3.9 – Quais as épocas de maior e menor movimento?
- 3.10 – Em sua opinião, quais os pontos fortes do atrativo? E os fracos, que precisam de melhoras?
- 3.11 – Qual a sua visão sobre o futuro do Salto Sete, em termos gerais?